

BMC

O BANCO PARA A PESSOA JURÍDICA

Economia - Brasil

Macrométrica prevê crescimento baixo com estabilização

por Vera Saavedra Durão
do Rio

A consultoria Macrométrica publica em seu boletim de maio, a ser divulgado na próxima semana, três cenários para a economia brasileira entre 1996 e 1997. O trabalho inclui um cenário de maxidesvalorização do real em 25% no segundo semestre deste ano, um de "mexicanização" da economia brasileira e um, com 75% de probabilidade, em que o governo sacrifica o crescimento econômico pela estabilização e equilíbrio das contas externas, voltando a ter superávits comerciais.

Estevão Kopschitz, sócio da consultoria, projeta para esse cenário superávits comerciais de US\$

1 bilhão para 1996 e de US\$ 3 bilhões para 1997. Esse caminho é considerado o mais seguro e de menor risco para o real, apesar de ter custos sociais elevados, com o desemprego que continuará aumentando, podendo chegar a 9% no final de 1997. "A meta final dessa estratégia é o País voltar a crescer a taxas superiores a 5% em 1998", adiantou Kopschitz.

Nesse ambiente de contida atividade econômica, o Produto Interno Bruto (PIB) crescerá entre 2 e 3% neste ano e no próximo. As taxas de inflação continuarão caindo, atingindo 14% neste ano, 8% em 1997 e 5% em 1998.

No cenário denominado "Risco México", com 20% de chances de ocorrer, a Macrométrica desenha a opção por correr riscos de um maior crescimento econômico, com retomada forte da atividade de produção de bens e serviços. O PIB poderá crescer de 3% a até 6,5% ao ano. "O resultado desta política, na nossa previsão, será o desequilíbrio das contas externas, com déficits comerciais e em conta corrente elevados, que acabarão por desaguar numa crise cambial. A desvalorização forte do real, como aconteceu com o peso mexicano, será inevitável", avalia Estevão.

O cenário da "maxidesvalorização" poderá ocorrer se o governo resolver não sacrificar mais nem o crescimento econômico, nem as contas externas e desvalorizar logo o real, já no segundo semestre deste ano. "A máxi de 25% vai gerar um problema grave de política macroeconômica, pois parte do princípio de que o custo da desvalorização não será muito grande e regularizaria de vez a balança comercial", analisa o sócio da Macrométrica.

A máxi, porém, como projeta o cenário, levaria à volta da inflação, corroendo o poder de compra dos salários e frustrando a expectativa de estabilização dos investidores. No prazo de dois anos estaríamos novamente mergulhados na inflação, conclui a Macrométrica.